



CHRISTIANE PINTO ROSA STORK

FELICIDADE E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

VITÓRIA 2019

CHRISTIANE PINTO ROSA STORK

FELICIDADE E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de aprovação para a obtenção do título de Especialista em Psicanálise clínica da Faculdade Censupeg..

Orientador: Prof. Dr. Waldecir Manoel Francisco Santos e Lucia Maria Godoy

VITÓRIA

2019

RESUMO

Em 1930, Freud propôs ao mundo uma grande reflexão com a obra “O Mal-Estar na Civilização”, a qual elencou situações de impasse que levam o ser humano a sofrer e destacou a felicidade, não só do ponto de vista psicológico, mas também, a influência do processo civilizatório e da cultura na psique humana. Segundo o mesmo, o ser humano experimenta o sofrimento por três fontes e escolhe caminhos para minimizá-lo, não havendo, portanto um método válido para todos, mas que os esforços não devem ser diminutos. Este artigo pretende compreender a visão psicanalítica de Freud sobre a felicidade, os impasses pelos quais o ser humano experimenta o sofrimento e quais os caminhos utilizados para atingir o objetivo de ser feliz. Contudo observar na visão da psicanálise freudiana o conceito de felicidade.

Palavras-chave: Felicidade. Mal-estar. Civilização. Pulsão. Princípio do prazer.

1 INTRODUÇÃO

Ser feliz tornou-se um imperativo no nosso tempo, seja com objetos de desejo, com estilo de vida ou com metas a serem alcançadas.

O ser humano é seduzido diariamente por promessas de felicidade, no entanto, presencia-se uma época de múltiplas possibilidades de escolhas, mas também de depressão e de infelicidade.

Freud nos legou o texto “O Mal-estar na Civilização”, em que afirma que a civilização se constrói sobre renúncia dos instintos, por conseguinte, impõe sacrifícios tentando barrar o trajeto dos mesmos ao exigir que cada sujeito abra mão de cotas de agressividade e sexualidade. Para que os homens vivam juntos, portanto, é preciso que haja limite e renúncia, a qual produz um efeito marcante na subjetividade, gerando angústia e insatisfação.

Para Freud, são basicamente três fontes de sofrimento humano: a natureza, cuja força não se domina, o corpo, que declina, e o relacionamento com o outro, fonte social do sofrimento.

De acordo com Edler (2017, p. 21), mesmo se passados mais de 80 anos da obra de Freud, não há alteração quanto às formas de sofrimento humano, pois a natureza expõe os efeitos do homem no planeta, o corpo, mesmo com o aumento da longevidade de vida e os avanços da medicina, envelhece, e por fim, o outro, que é constante fonte de restrição, sinaliza sempre até onde se deve chegar.

Nesse contexto, a vida cotidiana está longe de ser um mar de rosas, devido às dificuldades externas, ao confronto inevitável com o outro e à pressão interna entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Nessa lógica, para Freud, o homem procura métodos paliativos para minimizar o sofrimento.

Neste artigo pretende-se compreender a visão psicanalítica de Freud sobre a felicidade e os caminhos seguidos pelo ser humano para alcançá-la.

Para melhor entendimento da avaliação de Freud sobre a felicidade o artigo foi dividido em tópicos.

2 PRINCÍPIO DO PRAZER E PRINCÍPIO DA REALIDADE

Segundo Freud (1856-1939, p. 47, 48) existe na psique humana uma forte tendência ao princípio do prazer o qual é contrário a certas circunstâncias ou forças, ao passo que nem sempre se consegue corresponder à tendência ao prazer. Sendo esse princípio próprio de um modo de trabalho primário do aparelho psíquico, e sobre a influência dos impulsos de conservação do Eu, ele é substituído pelo princípio da realidade.

No entanto, de acordo com Freud (1856-1939, p.83) as excitações vindas de dentro, devido à intensidade dos seus estímulos, serão mais adequadas ao modo de trabalho do sistema do que as vindas de fora. Determinando, portanto, um aumento no desprazer, surgindo então a tendência de tratá-las como se não agissem de dentro, mas de fora para que se possa empregar contra elas meios defensivos da projeção contra estímulos, essa é a origem da projeção, à qual esta reservada um papel tão grande na causa dos processos patológicos.

Portanto, para Freud (1856-1939, p.84) as excitações de fora que são fortes o bastante para romper a proteção contra estímulos, são chamadas de traumáticas, colocando, portanto em movimento todos os meios defensivos. Havendo uma revogação de início do princípio do prazer, para dar conta contra o estímulo indesejável. A energia de investimento é convocada de todos os lados para produzir investimentos energéticos de nível correspondente nas proximidades do ponto de ruptura, produzindo, portanto, um tremendo contrainvestimento, em favor do qual todo o sistema psíquico fica paralisado.

De acordo com Freud (1930-1936, p. 216) o Id não conhece juízos de valor, o que é certo ou errado, não conhece moral e é governado pelo princípio do prazer.

O Eu, segundo Freud (1930-1936, p. 217) é diferenciado do Id por ser a parte externa do aparelho psíquico na qual surge o fenômeno da consciência, justificando então que o Eu é a parte do Id modificada pela influencia mundo externo. Justificando isso, cita Freud (1930-1936, p.218):

Cumprindo essa função, o Eu tem de observar o mundo externo, registrar uma imagem fiel dele nos traços mnemônicos de suas percepções, conservando afastado, mediante o “exame da realidade”, o que nesse quadro do mundo externo for acréscimo oriundo de fontes internas de excitação. É por intermédio do Id que o Eu se move, mas entre o prazer e o ato há a interposição do pensamento, o qual é regido por traços mnemônicos da experiência, havendo então, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, que promete maior segurança e maior sucesso.

Neste sentido, para Freud (1930-1936, p. 219) é possível afirmar que “o Eu representa, na vida psíquica, a razão e a prudência, e o Id, as paixões irrefreadas”.

3 A FINALIDADE DA VIDA

Segundo Freud (1930-1936, p.29), jamais encontrou resposta satisfatória para a finalidade da vida humana e que apenas a religião sabe responder a questão sobre a finalidade da vida. Afirmando que: “dificilmente erramos, ao concluir que a ideia de uma finalidade na vida existe em função do sistema religioso”.

Em sua obra “O Mal-Estar na Civilização” Freud (1930-1936, p.30), introduz o tema felicidade observando a finalidade da vida para o ser humano e o que dela ele deseja alcançar se não a busca e a manutenção da felicidade. Entretanto, enfatiza que essa busca tem dois lados, um positivo e outro negativo, pois o ser humano almeja a ausência de dor e desprazer, mas por outro lado à vivência de fortes prazeres, com isso, no seu ponto de vista, a felicidade refere-se apenas a vivência de fortes prazeres, sendo esta estabelecida pelo princípio do prazer.

Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o empenho do aparelho psíquico desde o começo. Não há dúvidas quando a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto macrossomo como o microssomo.

Se a finalidade da vida é regida pelo princípio do prazer, o que chama, então, de felicidade vem da satisfação de desejos reprimidos, sendo possível vivenciar apenas esporadicamente.

Correlacionado com isso, Freud (1930-1936, p. 31) constata que:

Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isso resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição.

Neste momento, à constatação que a infelicidade é bem menos difícil de experimentar e que o sofrer ameaça o ser humano partir de três lados: o próprio corpo que fadado ao declínio não pode fugir da dor e do medo, do mundo externo com suas forças destruidoras e poderosas e por fim, das relações humanas, sendo o sofrimento dessa fonte, talvez o mais doloroso. Certificando isso, Freud relata que: “Não é de admirar que, sob a pressão dessas possibilidades de sofrimento, os indivíduos costumam moderar suas pretensões à felicidade”.

4 MÉTODOS PARA EVITAR O DESPRAZER

Para Freud (1930-1936, p.31), como o princípio do prazer foi convertido em princípio da realidade, influenciado pelo mundo externo. A tarefa de ser feliz ao escapar do malogro e tormento fica em segundo plano, pois, primeiro tenta-se evitar o desprazer. Contudo à tentativa de solução dessa tarefa, por recomendação das escolas de sabedoria humana.

Sobre os métodos para enfrentar o desprazer, todos trilhados pelos homens, segundo, Freud (1930-1936, p.32), a satisfação de todas as necessidades, representa a maneira mais tentadora de conduzir a vida, mas colocar o gozo à frente da cautela trará seu próprio castigo.

Neste parâmetro, para Freud (1930-1936, p.32), alguns métodos são extremos, outros moderados, alguns são unilaterais e outros variados. Comenta então que se afastar dos demais é a ação mais disponível contra o sofrimento resultante das relações humanas. Alcança-se aqui a felicidade pela via da quietude.

Quando a fonte do sofrer é o mundo externo, o homem se defende atacando a natureza em substituição da sua própria vontade. Mas salienta que os métodos que influem no próprio organismo, são os mais interessantes para diminuir o sofrimento “pois todo sofrimento é apenas sensação, existe somente na medida em que o sentimos, e nós o sentimos em virtude de certos arranjos de nosso organismo”.

Para Freud (1930-1936, p.32), a intoxicação ou método químico é o método mais cru, mas também o mais eficaz na diminuição do sofrimento, pois ao penetrar na corrente sanguínea produz sensação de prazer, mudando a sensibilidade ao ponto de não haver escolha de impulsos de desprazer, só que por outro lado, com o ganho imediato de prazer, tem-se a independência em relação ao mundo externo. Destaca-se sobre isso então:

O serviço de narcóticos na luta pela felicidade e no afastamento da miséria é tão valorizado como benefício, que tanto indivíduos como povos lhes reservaram um sólido lugar em sua economia libidinal. A eles se deve não só o ganho imediato de prazer, mas também uma parcela muito desejada de independência em relação ao mundo externo.

Pontuando isso, Freud (1930-1936, p. 33) destaca o seguinte: “Sabe-se que com a ajuda do “afasta tristeza” podemos nos subtrair à pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refugio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade”. Mas defende que justamente essa característica dos entorpecentes torna-se perigosa, pois desperdiça grande quantidade de energia a qual poderia ser utilizada na melhoria da sorte humana.

Freud (1930-1936, p. 33), explica que se a satisfação dos instintos é causa de felicidade, torna-se causa de muito sofrer quando o mundo exterior não corresponde, saciando as carências. Sendo então possível prever que agindo sobre esses impulsos instintuais, fica-se livre de uma parte do sofrer. Esse tipo de defesa, então tenta dominar as fontes internas de necessidade. Salienta então: “de modo extremo isso ocorre ao se liquidar os instintos, como prega a sabedoria do oriente e como pratica os iogues”. Com isso Freud destaca que uma proteção contra o sofrer é alcançada, por que a não satisfação dos instintos subjugados não é sentida tanto quanto dos inibidos.

A sublimação é outro método apresentado por Freud, pois aqui a libido é deslocada, movendo-se então as metas dos instintos de maneira tal que não podem ser atingidos pelas frustrações do mundo externo.

Sobre esse tipo de satisfação Freud (1930-1936, p.35) pontua que: “a satisfação desse gênero, com a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia podemos caracterizar metapsicologicamente”. Mas, por conseguinte, esse método é de acesso para poucos e costuma falhar quando a fonte de sofrimento é o próprio corpo.

No método obtido pela ilusão ou via da fantasia, Freud (1930-1936, p.37), nos revela que há um poupar do teste da realidade, a qual fica destinada à satisfação de desejos dificilmente concretizáveis. “Entre essas satisfações pela fantasia se destaca a fruição de obras de arte, que por intermédio do artista se torna acessível também aos que não são eles mesmos criadores.”

Ainda sobre os métodos para diminuir o sofrimento, há um que Freud considera enérgico e radical, pois ver a realidade como inimiga e fonte de todo sofrer, há, portanto, o rompimento de todos os laços externos, cria-se seu próprio mundo, modifica-se, então da realidade. Relata aqui os delírios em massa, e observa neste contexto, que quem participa da ação delirante jamais a percebe.

Por fim, tem-se uma técnica mencionada por Freud (1930-1936, p.38) que seria a da “arte de viver,” sendo uma combinação de características diversas, localiza a satisfação nos processos psíquicos internos, aproveitando o deslocamento da libido sem se afastar do mundo exterior, pelo contrário, se agarra aos objetos e obtém felicidade com afeto junto a eles, portanto, uma técnica de cansada resignação, mas ao ignorar isto, mantém o amor como centro, ao passo que espera toda satisfação em amar e ser amado. E Freud (1930-1936, p.39), observa o lado frágil dessa técnica:

Essa atitude psíquica e familiar a todos nós; uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a mais forte experiência de uma sensação de prazer avassaladora, dando-nos assim o modelo para a nossa busca da felicidade. Nada mais natural do que insistirmos em procurá-la no mesmo caminho em que a encontramos primeiro. O lado frágil dessa técnica de vida é patente; senão. A ninguém ocorreria abandonar esse caminho por outro.

5 A FELICIDADE PARA FREUD

Segundo Freud (1930-1936, p.40), o programa de ser feliz o qual é imposto pelo princípio do prazer é irrealizável. Mas os esforços para ser feliz não podem ser abandonados. Sendo assim tem dois caminhos a seguir ou dar-se prioridade ao positivo da meta, se obtém o prazer, ou ao negativo, evita-se o desprazer. Porém em nenhum desses dois caminhos Alcança-se o totalmente o que se deseja, portanto a felicidade constitui um problema de energia libidinal do indivíduo, não havendo um método válido para todos, é particular e singular.

De acordo com Freud a escolha é de cada um e fatores dos mais variados podem influir nesta, assim, dependerá quanta satisfação real o sujeito pode esperar do mundo exterior, de qual ponto pode-se fazer-se independente deste e de quanta energia se atribui para modificar o mundo externo conforme seus desejos. Sendo assim, para Freud a constituição psíquica de cada sujeito e a influência de culturas externas será decisiva para o caminho a seguir-se.

Neste contexto de decisão, Freud (1930-1936, p.41) argumenta:

Aquele predominantemente erótico dará prioridade às relações afetivas com outras pessoas; o narcisista, inclinado à autossuficiência, buscará as satisfações principais em seus eventos psíquicos internos; o homem de ação não largará o mundo externo, no qual pode testar sua força. Para o segundo desses tipos, a natureza de seus dons e a medida de sublimação instintual que lhe é possível determinarão onde colocará seus interesses.

Mas, segundo Freud toda decisão extrema terá consequências, para uma maneira de viver que se revele inadequada. Sendo assim, o êxito dependerá de vários fatores, mas o principal é a adaptação da constituição psíquica de cada sujeito ao meio aproveitando-o de forma a conquistar o prazer.

6 FELICIDADE, CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Segundo Freud (1930-1936, p.48, 49, 50) a palavra civilização é definida pela somatória de realizações e instituições que afastam a vida dos seres humanos de seus antepassados animais e serve-se então para dois fins: para a proteção do homem frente à natureza e para a regulamentação de vínculos humanos entre si. Na opinião freudiana, portanto, na cultura juntam-se todas as atividades e valores úteis na vida humana, colocando a Terra a seu serviço.

Freud, (1930-1936, p. 52) relaciona tal pensamento quando destaca que: “Portanto, reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo que serve para a exploração da Terra pelo homem e para proteção dele frente às forças da natureza; em suma, tudo que lhe é proveitoso”.

Sobretudo, para Freud (1930-1936, p. 53) exigisse-se ao homem civilizado a veneração da beleza natural e a reprodução em objetos, e neste contexto também requer a limpeza e a ordem. Então Freud conclui que:

Relata Freud (1930-1936, p.54) que a ordem sendo uma compulsão á repetição, uma vez instalada resolve como e quando algo deve ser feito. Seu benefício não pode ser negado, pois permite aos humanos, melhor utilização e aproveitamento de espaço e tempo. Correlacionando com isso, Freud cita:

Beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais. Ninguém dirá que eles são importantes para a vida como o domínio das forças naturais e outros fatores que ainda veremos, mas ninguém os porá em segundo plano, como coisas acessórias.

Mas Freud (1930-1936, p.55), coloca que nenhum traço pode caracterizar mais a civilização como o sistema de atividades psíquicas elevadas, da intelectualidade científica e das artes que dominam ideologicamente a vida das pessoas. Destaca-se aqui o sistema religioso, as especulações filosóficas, as construções ideais e suas concepções de perfeição.

Entretanto, segundo Freud (1930-1936, p. 56, 57,58) outro traço que define a civilização e a regulação das relações humanas, interligada pelo elemento cultural,

com a substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade. Freud sustenta o poder da cultura afirmando que:

A liberdade individual não é um bem cultural. Ela era maior antes que qualquer civilização, mas geralmente era sem valor, porque o indivíduo mal tinha condição de defendê-la. Graças à evolução cultural ela experimenta restrições, e a justiça pede que ninguém escape a elas. Aquilo que numa comunidade humana se faz sentir como impulso à liberdade pode ser revolta contra uma injustiça presente, e assim tornar-se propício a maior revolução cultural, permanecendo compatível com a civilização. Mas também pode vir dos restos de personalidade original, não domada pela civilização, e desse modo tornar-se fundamento da hostilidade à civilização.

Para Freud (1930-1936, p. 60) a sublimação dos instintos marca a evolução cultural, pois torna possível que atividades psíquicas elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, sejam significativas na vida civilizada. E afirma neste sentido, que “a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização”.

Não se pode fugir da renúncia instintual imposta pelo processo civilizatório a qual, segundo Freud, tem o objetivo de dominar o vínculo social entre os homens. Portanto, Freud destaca que “não é fácil compreender como se torna possível privar um instinto de satisfação. É algo que tem seus perigos; se não for compensado economicamente, pode-se esperar graves distúrbios”.

Segundo Freud (1930-1936, p. 73, 75, 78) uma das exigências ideais da sociedade civilizada é o mandamento bíblico “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Mas afirma que o ser humano tem um forte instinto agressivo e isso é um fator que perturba a relação com o próximo e obriga a civilização a grandes dispêndios, sendo a sociedade ameaçada permanentemente de desintegração. Contudo, a sociedade tem que recorrer a tudo para por limites aos instintos agressivos humanos, portanto, segundo Freud não há muito progresso quanto a isso por que:

Com todas as suas lidas, esse empenho da civilização não alcançou muito até agora. Ela espera prevenir os excessos mais grosseiros da violência contra os infratores, mas a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana.

E se a cultura impõe sacrifícios tanto na sexualidade quando nos instintos agressivos humanos, Freud (1930-1936, p. 82) compreende por que é difícil ser feliz nela. Pois:

Se justificadamente objetamos, o nosso estado atual de civilização, que nele não preenche nossos requisitos de um sistema de viver que faça feliz, que admita muito sofrimento que se poderia provavelmente evitar; se, de modo implacavelmente crítico, buscarmos expor as raízes de sua imperfeição, sem dúvida exerceremos o nosso mero direito, não nos mostrando inimigos da cultura.

Provando o poder da cultura, Freud (1930-1936 p.114), destaca que no indivíduo em desenvolvimento conserva-se a principal meta do programa do princípio do prazer que é a busca pela felicidade e a integração ou adaptação a uma comunidade, sendo inevitável ao ser humano seu o cumprimento para que seja alcançada a felicidade. Só que, para Freud, a aspiração individual é “egoísta” e a união com outros indivíduos é “altruísta”, sendo assim, a aspiração altruísta que pode ser chamada cultural, contenta-se com a restrição.

Freud (1930-1936, p.115) coloca seu ponto de vista quando à aspiração altruísta da cultura. Sugerindo que:

Quase parece que a criação de uma grande comunidade humana teria êxito maior se não fosse preciso preocupar-se com a felicidade do indivíduo. O processo de desenvolvimento individual pode então ter traços especiais, que não se repetem no processo cultural humano; é apenas na medida em que o primeiro desses processos tem por meta a incorporação na comunidade que ele necessariamente coincide com o segundo.

Na medida em que o ser humano segue seu caminho de vida, participa então do processo evolutivo. Sendo assim, a aspiração à felicidade e a união com outros seres resultam em conflitos internos, em cada indivíduo, por conseguinte, esses dois processos tem que disputar um com o outro seu terreno. Significando uma desavença na casa da libido.

Segundo Freud (1930-1936 p. 116) é facultativo afirmar que há a formação do Super-eu cultural, sob cuja influência procede a evolução cultural destacando então:

O Super-eu de uma época cultural tem origem semelhante ao de um indivíduo, baseia-se na impressão que grandes personalidades-líderes deixaram, homens de avassaladora energia espiritual, ou nos quais uma das tendências humanas achou a expressão mais forte e mais pura, e por isso também, com frequência, a mais unilateral.

Outro ponto importante citado por Freud (1930-1936, p. 117) é que o Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui suas exigências ideais, gerando, caso não cumpridas angustia de “consciência”. Sendo assim:

O Super-eu da cultura desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências. Entre as últimas, as que concernem as relações dos seres humanos entre si são designadas por ética. Em todos os tempos as pessoas deram enorme valor a essa ética, como se dela esperassem realizações de particular importância. De fato a ética se dedica ao ponto facilmente mais frágil de toda cultura. Ela há de ser vista então como tentativa terapêutica, como esforço de atingir, por um mandamento do Super-eu, o que antes não atingiu com outro labor cultural.

Para Freud (1930-1936, P.21), com o processo cultural os juízos de valores dos homens são individualmente regidos por seus desejos de felicidade. Com isso, a questão decisiva da espécie humana é: em que total a evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comunidade, pelos instintos de agressão e autodestruição dos homens?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud em sua obra “O Mal-Estar na Civilização” afirma que o ser humano anseia por felicidade e que esta advém da satisfação de prazeres e que isso provém das necessidades represadas em alto grau. Contudo, tornar-se feliz é um impositivo do princípio do prazer que trazemos desde a origem, e para o pai da psicanálise, isso não pode ser plenamente realizado. Mas nem por isso deve medir esforços para tal objetivo.

Segundo Freud o ser humano experimenta o sofrimento pela ação do mundo externo e forças da natureza, pelo próprio corpo, com as insatisfações, doenças e curso da vida e com as relações humanas, sendo esta talvez, a mais difícil de lidar.

Contudo, para Freud os homens buscam meios para tornar a vida menos árdua evita-se então o desprazer: no isolamento, no domínio sobre a natureza, na sublimação, nos entorpecentes, na busca do amor sexual entre outros.

Ao analisar a felicidade levando em conta o processo civilizatório e cultural, Freud constata que a repressão dos instintos em prol da evolução cultural, causa um mal-

estar e que como esses sacrifícios são imprescindíveis para a existência da sociedade, sobre o domínio do princípio da realidade, adia-se a satisfação e tolera-se o desprazer, tornando, portanto, o indivíduo vulnerável à diversas fontes de sofrimento, para manter a vida, ficando, portanto o objetivo de encontrar a felicidade em segundo plano.

De acordo com Freud a escolha é de cada um e fatores dos mais variados podem influir nesta, assim, dependerá quanta satisfação real o sujeito pode esperar do mundo exterior, de qual ponto pode-se fazer-se independente deste e de quanta energia se atribui para modificar o mundo externo conforme seus desejos. Sendo assim, para Freud a constituição psíquica de cada sujeito e a influência de culturas externas será decisiva para o caminho a seguir-se, portanto, a felicidade constitui um problema de energia libidinal do indivíduo, não havendo um método válido para todos, é particular e singular.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1856-1939)**. 1277. Vol. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 .

EDLER, Sandra. **Tempos Compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.